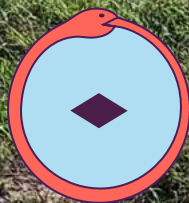
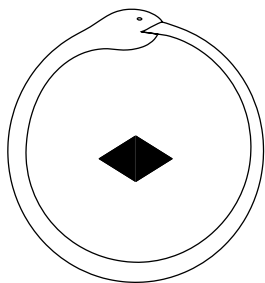


TRAZER OS CÓDIGOS DO TEMPO
Carta para os Potiguara
Carlos Papá



cadernos
SELVAGEM



TRAZER OS CÓDIGOS DO TEMPO carta para os Potiguara

Carlos Papá

Este caderno é composto pela transcrição da [fala de Carlos Papá](#), gravada no dia 19 de fevereiro de 2025, na Escola Indígena Pedro Poti, na Aldeia São Francisco, em território Potiguara, na Baía da Traição, Paraíba. Este caderno compõe a série de cadernos Potiguara, em colaboração com a Associação Paraíba Mel, o Instituto Serrapilheira e a Funarbe.

Quando a gente fala de “resgate”, me parece que a gente ainda está com muita dificuldade de encontrar o caminho. Parece que é uma luta incansável ter que buscar ainda passar aquela grade muito forte, como se a gente não estivesse encontrando a ferramenta para cortar aquela grade e para passar para o outro lado para fazer um resgate. Nós não precisamos dessa grade, precisamos somente acordar, porque já está em nós, está em vocês, está nos ancião. Então, somente buscar essas informações de novo através da espiritualidade, através desse encontro ancestral que ficou, porque o sonho vai dizer para vocês. Essa espiritualidade forte que está em vocês que vai dizer de novo, porque a ancestralidade está em vocês, está em nós. Então, somente pode trazer isso, essa concentração mais forte. Somente vocês vão fazer essa concentração, trazer os códigos do tempo.

Eu acho muito bonito você ser um caçador contemporâneo, caçador de conhecimento contemporâneo, que está buscando informações acadêmicas, mas que é isso: é um caçador contemporâneo. Porque não tem mais mata. Em volta tudo é cana-de-açúcar, não tem mais rio que se pode usufruir, buscar a caça para sua família, as frutas, as plantas, cipó, madeira. Tudo está muito escasso. Então você se tornou um caçador contemporâneo buscando a informação de outros meios e trazendo essa forma de vida, de fortalecer a cultura que está aqui viva na presença da ancestralidade. Continue falando da ancestralidade, mas o que ainda

vocês estão falando de resgate da língua do Tupi Potiguara, que vocês estão buscando, é somente a espiritualidade que pode trazer. Deixa o interior de vocês se manifestar de novo!

Entender o mundo, esse é um código que é tão maravilhoso. A gente está tão conectado com celular, com escritas, que a gente olha assim e a gente sabe o que está dizendo, conhecemos essas coisas. Nossos ancestrais diziam que são os códigos que precisamos ouvir. E a mesma coisa é o tempo, o dia: quando você acorda, ouça o passarinho cantar, ouça o vento fazer o som das folhas das árvores, ouça o vento pairar por cima das areias e as areias fazerem aquele som. Então você começa a buscar essas informações. Por que um som mais alto? Por que um som mais baixo? Você começa a buscar essas conversações com essa fala e você vai entendendo o som da sua fala. E é por isso que é importante entender o nosso corpo. Importante entender o solo, importante entender onde a gente está pisando. É essa forma de entendimento que as escolas não dão. Esse entendimento, as universidades não dão. É uma forma de saber nascer, saber morrer. Essa forma de entendimento é que falta em toda a sociedade.

Quando se fala “o tronco”... Aqui a gente está vendo esse pilar, o pilar de uma escola. O tronco é esse que segura, que sustenta. Nós falamos “nosso corpo”, a gente não tem o corpo, como as escolas ensinam que seria o corpo, né? A gente falamos de *xevy yguara*, né? Significa: eu, água e terra e o infinito céu em cima. Eu sou tudo isso, não tem corpo específico. Eu sou tudo isso. Eu sou o universo. Então as pessoas perguntam: “Como é seu universo?” Aí parece que está falando: “Ah, meu universo é eu, água, vento, terra e o céu”. Se funciona dessa forma e eu sinto uma dificuldade lá no meu joelho, quer dizer que esse universo está querendo que eu me cure disso? É diferente do pensamento de que um corpo humano é um só. Se é um, é retirado desse universo. Parece que está meio que no ar, que não faz parte desse universo. Mas pensando bem, a gente é tudo isso, universo. Por que tudo isso? Porque na hora que a gente fala, quando a gente vai falar, por exemplo, *oty* ou qualquer linguagem que a gente vai falar ou cantar, a gente vem de dentro para fora o som, que é o vento. A nossa boca é um instrumento oco, mas a nossa língua se torna molhada porque tem água, precisa de lubrificações

e, no mesmo tempo, o nosso sopro solta *umidez*, tanto é que, quando a gente pega um plástico ou espelho, alguma coisa, quando a gente fala, vai estar lá úmido, quente. Então a gente não fala, a gente assobia. O que faz parecer que a gente fala é o nosso cordão vocal, que tem muitos tecidos de instrumento. Quando a gente vai falar, a nossa língua começa a trabalhar, fazer os tons de dominar o som de cada expressão sua. A gente não fala, a gente assobia. E assobiar significa *nhe'ẽ*. *Nhe'ẽ* é algo que você fala, você se expressa. É uma alma que vem de dentro para fora, que começa a se expressar. Parece que está tocando.

A partir do momento que você entende que seu corpo é tudo isso, é muito bonito você ouvir e fazer parte desse universo. E aí é onde entra *nhe'ẽ*. *Nhe'ẽ* é fala, *xe nhe'ẽ* é “eu falo”, né? *Nhe'ẽ* é uma coisa que vem de dentro para fora, assobiada. De dentro para fora, quando vem, não vem falada para fora. Falada é aqui na boca. É somente assoprada. Vem assoprada e aí a nossa língua e o cordão vocal começa a fazer esses movimentos de tom da nossa expressão automática. O nosso corpo, o nosso *nhandereté*. *Nhandereté* não é só o corpo, sou eu verdadeiro, sou eu de verdade. Esse universo, sua verdade que se expressa, que vem de dentro para fora.

Estou muito contente de falar – *anhe'ẽ* – nesse sentido para vocês buscarem essa forma de pensamento de novo, um pensamento filosófico dos nossos ancestrais, onde vem tudo. A gente não é separado de nada, a gente é integral com esse universo. Você percebe cada vento que passa, como que ele vem? Vai para lá, vai para cá? Você começa a viver esse mundo, você começa a entender como nossos ancestrais contavam o tempo. Como que nossos ancestrais viviam esse tempo? Como que descobriu que, se cortar o coqueiro naquela Lua, vai dar bicho? Qual Lua que se corta o coqueiro e não vai dar bicho? É tudo isso que os nossos ancestrais sabiam. Uma vez eu fiz essa pergunta: “Como que eu vou cortar uma madeira e não vai bichar, não vai dar caruncho?” “Tá bom, vem cá. Em que Lua que estamos?” Aí eu falei assim: “Nós estamos na Lua Nova”. “Então corta uma madeira e finca ali”. Cortei uma madeira e eu finquei. “Agora marca esse tempo de agora. Você não vai esquecer disso. Aí na próxima Lua a gente vai vir no mesmo lugar, a gente vai cortar outra madeira e vai fincar do outro lado, marcando o tempo”. E as-

sim foi indo. Aí tem nova, crescente, depois vem minguante. E aí aquela madeira que cortei na Lua Minguante levou 5 anos certinho. As outras tiveram tempo menor. E aí ele me explicou: “Cada Lua tem uma energia, e aí quando você corta a madeira ou você planta a semente na Lua errada, cada Lua que vem, ela mexe e vem com uma energia que atinge a semente, a madeira. A seiva da madeira aumenta, fica adocicada. E a semente que você planta conforme a Lua errada, a semente vem já adocicada. É por isso que a Lua é importante na plantação, na construção da casa. Todas as coisas que você faz têm que ser na Lua. Essa experiência eu tive na prática, vendo e assistindo.

Vejo que a nossa língua, principalmente a língua *Potiguara*, é muito linda, é uma filosofia que, se vocês pensar, é uma poesia a todo tempo. É uma poesia que não é falada por falar, como a sociedade fala “água”, né? Vou dar o exemplo: a água para nós é $\gamma\gamma$. Só um γ seria esses sustentos, esse pilar aqui. E aí, tem um código assim que antigamente a gente tinha: quando a gente estava na sala de aula – porque, antigamente, quem dava aula eram as freiras – quando os alunos queriam sair para fora, buscar água ou tomar água, os jovens tinham esse código entre eles. Eles parecia que se espreguiçavam e faziam isso [faz um γ com os braços]. Aí o jovem olhava, já entendia que o outro queria sair para fora para pegar água. Aí, se tinha um que queria água também, aí ele também fazia isso e aí já entendiam: “Ah, ele vai querer água”. Dessa forma, não precisa nem falar, né? Porque aí se identificaram muito na escrita da letra γ , que parecia estar se levantando. Quando se fala $\gamma\gamma$, significava água. Eles entravam muito nesse pensamento de código. Aí se resolveu escrever $\gamma\gamma$ para significar água. Mas não é porque se identificaram com isso, mas pelos códigos que eles faziam. Isso foi desenvolvido depois de 1975¹ para cá. Isso é muito novo para nós.

Υ são os pilares, $\gamma\gamma$ é líquido, água. É um sustento líquido. Mas no português não se escreve isso, sustento líquido. Como assim, né? Então, só os poéticos que vão entender esse sustento líquido.

É interessante quando a gente vai falar sobre as falas. Vem esse pen-

1. Papá faz menção ao esforço de alguns linguistas na década de 1970 e 1980, entre eles Robert Dooley, de propor uma ortografia para a língua *Guarani Mbya*, absorvendo a letra “y”, ausente na grafia portuguesa.

samento integrado nesse sentido. E aí eu vou falar assim: **γγ**, a água, que é o importante, que sustenta a nossa vida. **Υγ**. Agora a terra que sustenta para a gente pisar, andar, a terra é **γγγ**. Na palavra terra entra antes água, **γγ**. **Υγγ** seria o parceiro da água. Parceiro da água? Mas não seria parceiro da água assim, apenas. **Υγγ** são cores. Eu falo assim para Cristine, que é minha companheira, mas se eu falar para os mais velhos, chamo ela de **xe γγγreguá**. Quer dizer, ela é minhas cores. Por que minhas cores? Porque às vezes ela levanta, se arruma de outro jeito. As cores que eu vejo, significa beleza, né? O **γγ** é isso. São parceiros, juntos. **Υγγ** é a terra e, ao mesmo tempo, as cores das águas. Quando se pensa nas plantas, nas árvores, em nós, nos animais, tudo depende da água. Somos as cores da água. Então, nós somos parte dessa água. O importante é a água na nossa vida, **Nhandeko**².

Então, **γγ** água, **γγγ** terra, aí depois vem as madeira que é **γγγra**. **Υγγra** que é a madeira. **Ra** é o futuro, **ra** é o futuro que vai ser trazido de volta, voltando para trás. **Υγγra** é o futuro do parceiro da água. Quer dizer, essa madeira vai cair, um dia vai apodrecer, o vento vai derrubar ou ele mesmo vai chegar um tempo que ele morre, ele vai se transformando em terra. A terra aí se torna parceira da água.

ANNA DANTES: Seria também a própria árvore que faz ter água, é geradora de água.

CARLOS PAPÁ: Geradora de água. O **ra**, né? Mas seria geradora de água se você misturar com a terra, aí vai ficar ali. É assim que é nosso pensamento indígena. Quando se vai falar do **Tupi**, sempre se está ligado nesse universo. Aí depois **xeγvareté**. Aí de novo: água; céu, o infinito; **reté**, verdadeiro. Eu, o verdadeiro e futuro do parceiro da água, de novo. Agora eu estou aqui. Aí um dia eu posso, quando **Nhanderu** chamar... Esse corpo fica e se torna de novo a terra e se torna parceiro da água. É assim que é nosso pensamento indígena. Nada separado desse universo.

2. **Nhandeko** significa vida nossa.

Carlos Papá Mirim Poty (São Paulo, 1970) pertence ao povo *Guarani Mbya*. É guardião das palavras sagradas *Guarani*. Ao longo dos últimos anos, Papá vem soprando ao mundo mensagens sobre a importância da valorização e do respeito à *Nhe'ẽry*, a Mata Atlântica. Através de *Ayvu Porã*, as boas e belas palavras, ele transmite a filosofia e a memória ancestral deixadas por seus avós. Papá destaca-se como o primeiro cineasta indígena do povo *Guarani Mbya*, tendo dedicado as últimas duas décadas a fortalecer e valorizar a cultura *Guarani Mbya* por meio da realização de documentários, filmes ficcionais e oficinas culturais e de formação para os jovens. Papá é coordenador da *Escola Viva Guarani* e colaborador da *Selvagem* desde 2019. É também fundador do Instituto Maracá, que promove as artes e culturas dos povos indígenas do Brasil, e também membro do conselho indígena *Aty Mirim* do Museu das Culturas Indígenas de São Paulo. Foi cocurador com Cristine Takuá da exposição *Nhe'ẽry*, dedicada às cosmovisões indígenas da Mata Atlântica, inaugurada em junho de 2023. Carlos Papá participou de inúmeros festivais e seminários dedicados a fomentar museus e produções culturais indígenas, entre eles o Fórum de Museus Indígenas do Brasil. Atua também como líder espiritual em sua comunidade, sendo conhecedor das plantas que curam e orientam o nosso caminhar. Foi representante da Comissão *Guarani Yvy Rupa* de 2019 a 2022. São inúmeros os projetos e eventos dos quais participou e para os quais vem sendo convidado nos últimos anos, tais como: Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Tocantins, 2015; ciclo de debates *Mejukradjá* – Círculo de Saberes, no Itaú Cultural; diversas sessões, mostras e festivais de cinema, como o Aldeia SP – Bienal de Cinema Indígena, o Festival Tela Indígena, realizado em Porto Alegre, e o Festival de Culturas Indígenas no Memorial da América Latina, em São Paulo. Foi curador do *rec.tyty* – Festival de artes indígenas. Participou como artista da exposição *Moquém-Surari*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), durante a 34ª Bienal de São Paulo. É morador da Terra Indígena Rio Silveira, localizada na divisa entre os municípios de Bertioga e São Sebastião.

FOTO DE CAPA

Alice Faria

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

APOIO



PARCERIA



Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026

